

KITS DIDÁTICOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

A GUERRA NÃO-DECLARADA PELO ESTADO EM SÃO PAULO (1990-2000)



Fonte: NO MARTINS, 2020, “Vigiar e punir”, Símbolos Sociais, Pintura, Galeria Jack Bell,
Reino Unido.

**KITS DIDÁTICOS
DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO**

DISCIPLINA:

ENSINO DE HISTÓRIA: TEORIA E PRÁTICA

DOCENTE RESPONSÁVEL:

PROF^a DRA. ANTONIA TERRA DE CALAZANS FERNANDES

INTEGRANTES DO GRUPO:

BRUNO VIEIRA BORGES

DANIEL ALVES ALMEIDA

GUILHERME ROMÃO DO NASCIMENTO

GUSTAVO SIRQUEIRA COSTA

PRISCILA LUNA DE TOLEDO SIMÕES

LISTA DE DOCUMENTOS

6A e 6B. Três visões do Carandiru. Depoimentos de Aécio Dornelas Santos, capitão da PM, e Edivaldo Godoy, ex-detento do Carandiru. São Paulo: Portal UOL, outubro de 2017. Disponível em:

<[Três visões do Carandiru | UOL Notícias \(www.uol\)](#)>. Acesso em: 20/06/2022.



6C. PRIMEIRO COMANDO DA CAPITAL. 13º artigo do Estatuto do PCC, 1997. Disponível em:

<https://faccapcc1533primeirocomandodacapital.org/regimentos/estatuto_faccapcc15331997primeirocomandodacapital/>. Acesso em: 09/07/2022.



7. “Estado é covarde”, diz Maluf. São Paulo: Folha de S. Paulo, 16/08/1996, Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/8/16/cotidiano/36.html>>. Acesso em: 03/07/2022.



8. EDI ROCK, ICE BLUE, MANO BROWN. Capítulo 4, versículo 3. In: RACIONAIS MC'S. Sobrevivendo no inferno. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. Faixa 3. Disponível em:

<<https://youtu.be/YLa77FGfkY8>>. Acesso em: 05/07/2022.



LISTA DE DOCUMENTOS

9. “PM é incomandável”, dizem ex-secretários. São Paulo: Folha de S. Paulo, 07/04/1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff070407.htm>. Acesso em: 29/06/2022.



10. EDUARDO TADDEO. São Paulo - Aushwitz versão brasileira. In: FACÇÃO CENTRAL. Direto do Campo de Extermínio. São Paulo: Sky Blue, 2003. Faixa 4. Disponível em: https://youtu.be/43v_1pNVVhc. Acesso em: 26/06/2022.



11. Mortes de negros em ações policiais no Brasil são 2,8 vezes maiores que de brancos. Brasil: CNN, 24/11/2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mortes-negros-acoes-policiais-brasil-vezes-maiores-brancos/>. Acesso em: 13/06/2022.



12A. PENEDO, Ana Leticia, 2019, “Não acredite em contos de fardas”. Grafite. São Paulo. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2019/12/08/artista-faz-ativismo-poetico-em-paraisopolis-para-marcar-assassinato-de-jovens-e-m-baile-funk/> Acesso em: 02/07/2022.



LISTA DE DOCUMENTOS

12B. DEQUETE, 2018, “Então, não existe racismo no Brasil?”. Grafite. São Paulo.

Disponível em:

<https://br.pinterest.com/pin/14432636304>

[3866994/](https://br.pinterest.com/pin/14432636304). Acesso em: 02/07/2022.



“Eu não assisti filmes, documentários ou matérias jornalísticas sobre a Guerra Não Declarada do Brasil, eu estou 24 horas diárias dentro de suas trincheiras. Eu estou 24 horas tentando me proteger das agressões bélicas de um impiedoso exército rival. Infelizmente, eu sou morador cativo do parque onde as anomalias maquiavélicas guiadas por cifrões, se divertem aflorando as suas psicopatias mórbidas.”

Eduardo Taddeo

LEITURA DOS DOCUMENTOS

Envoltos pelo assunto da guerra ao longo do curso, nosso kit didático foi elaborado a partir da *guerra não-declarada* encabeçada pelo Estado brasileiro contra os pobres, especialmente no recorte de São Paulo nos anos 1990. Nosso intuito é promover o debate sobre a violência com o aluno, considerando a princípio a enorme desigualdade econômica na maior cidade da América Latina, as brutais operações militares que ocorrem contra os miseráveis - majoritariamente pretos e/ou periféricos - e, por fim, a representação desses conflitos pela mídia burguesa. Nossas fontes incluem dados, fotos, relatos pessoais, trechos de jornais e composições musicais, organizadas em blocos temáticos.

O termo *guerra não-declarada* em referência a este tema foi amplamente difundido por Eduardo Taddeo em sua obra-relato “A Guerra não Declarada na Visão de um Favelado” e em seus discos lançados junto ao grupo de rap Fação Central. Contudo, não faltam elementos materiais que apontem ao exercício da violência direta e sistemática pelo Estado, como as abordagens cotidianas da polícia, violações do direitos de circulação em determinadas áreas da metrópole, chacinas (para o nosso recorte, elegemos o massacre do Carandiru) e a condescendência da classe burguesa e da mídia com a violência, que só se insere nesse contexto terrorista para justificá-la sob o aval do “combate ao crime organizado”.

Ressalta-se que a *guerra não-declarada*, apesar de não ser convencional, dispõe de uma estrutura comum de guerra, com conflitos armados diretos (muitas vezes com força desproporcional por parte do Estado), prisioneiros de guerra (ou seja, boa parte da imensa população carcerária brasileira), ameaças à soberania popular e aos direitos humanos, entre outras expressões. Por fim, entendemos que a guerra não-declarada abrange também a *guerra contra as drogas* e a *guerra interfaces*, sendo a primeira muito utilizada nos discursos

LEITURA DOS DOCUMENTOS

oficiais para justificar a morte de civis favelados, e a última como um subproduto do aumento da população carcerária nos anos 90, que hoje, com o crime organizado, concentra grande poder bélico e exerce função paramilitar nas periferias de todo o Brasil.

Sendo esta a problemática do kit didático, os documentos a serem trabalhados estão ordenados de modo que o aluno tenha contato com diferentes perspectivas sobre a violência latente durante os anos 90 na cidade de São Paulo. O primeiro documento é essencial para a abertura do trabalho pois, ao apresentar dados quantitativos sobre homicídios, confere um aspecto concreto sobre a temática a ser desenvolvida em todos os documentos subsequentes. Há documentos que abordam especificamente a questão do Massacre do Carandiru, um dos eventos mais marcantes da década de 90, justamente pela sua crueldade e saldo de 111 mortos, sobre os quais se pode estabelecer a dimensão da guerra que encarcera e mata sem pudor. Também são arroladas letras de RAP, gênero musical que se popularizou no período em questão, essencialmente trazendo críticas à violência de Estado e o racismo recorrente nas periferias, tendo como grandes expoentes grupos como Racionais MC's e Facção Central. Com essas fontes, é possível observar o discurso do oprimido, ou seja, o indivíduo vulnerável à diversas formas de violência e que tenta encontrar meios de reagir a isso. Como contraponto ao discurso do oprimido, os discursos opressores aparecem entre os documentos, mostrando que mesmo sem uma declaração formal, a construção de um cenário de guerra contra os periféricos é intencional.

PROPOSTA DIDÁTICA

1. Sobre o documento 1, qual a origem dele e quando ele foi consultado?
 - a) Qual o recorte temporal e espacial analisado?
 - b) A que temática os dados se referem?

2. Ainda sobre o documento 1, a partir de que ano é possível observar um crescimento significativo no número total de homicídios notificados em São Paulo-SP?
 - a) Em que ano houve maior número de casos de homicídios notificados?
 - b) A partir de que momento é possível perceber um decréscimo significativo nos dados apresentados?
 - c) Comparando os dados referentes aos anos 1990 com os dados referentes aos anos 2000, qual década se mostra mais violenta, isto é, com mais casos de homicídio?

3. Sobre o documento 2, que tipo de documento é esse?
 - a) Quando foi publicado? Qual evento é noticiado?
 - b) Quando e onde ocorreu o massacre?
 - c) Segundo os policiais, o que deu origem ao acontecimento?
 - d) Quantos mortos são relatados? Quantos detentos ficaram feridos? Quantos policiais ficaram feridos?

4. O documento 2 afirma que o governador Luiz Antônio Fleury Filho “defendeu os policiais”. Por que haveria necessidade de defendê-los?

5. Sobre o documento 3, responda:
 - a) Que tipo de documento é?
 - b) Quem são os autores dele?
 - c) Quando ele foi produzido?

PROPOSTA DIDÁTICA

6. Qual a semelhança entre o documento 3 e o documento 2?
- O “Fleury” é citado tanto no documento 2, quanto no 3, porém de diferentes maneiras. Quem é ele? Qual a diferença da descrição dele nos dois documentos?
7. Sobre o documento 4, responda:
- O que é este documento?
 - O que ele mostra?
 - É possível relacioná-lo com o documento 3? Como?
 - O termo utilizado “sob o olhar sanguinário do vigia” no documento 3, retrata o documento 4? Se sim, por que o adjetivo utilizado é “sanguinário”?
8. Sobre o documento 5, que tipo de documento é esse, e quando foi produzido?
- Quem é o autor? O que ele relata?
 - Por que ele diz ter perdido sua identidade?
 - Essa sua “nova identidade” é pejorativa diante da sociedade? Por quê?
 - Por que ele afirma que a “justiça é lenta”? Esse adjetivo pode ser usado para todos os casos de julgamento?
9. Sobre as fontes 6A, 6B e 6C, responda:
- Que tipos de fontes são elas? Do que as fontes falam?
 - Qual as diferenças e semelhanças das mensagens? Você acredita que todas têm a mesma opinião sobre o fato descrito?
10. Os documentos em questão relatam violências extremas, porém de diferentes perspectivas, quais as frases dos documentos indicam essa violência?
- Você acredita que essas descrições se assemelham à uma guerra? Por quê?

PROPOSTA DIDÁTICA

11. Essa matéria expõe falas de Paulo Maluf, ex-prefeito da cidade de São Paulo. Sobre as suas falas responda:

- a) O que Maluf acha da política de segurança do Estado de São Paulo?
- b) Ele tem uma visão positiva ou negativa sobre os Direitos Humanos?

12. Em sua opinião, a fala de um político é capaz de influenciar a opinião pública e a atuação das forças policiais? Justifique.

13. Compare o documento 7 com os documentos 6a, 6b, e 6c. Com qual destes documentos o discurso de Maluf mais se aproxima? Justifique.

14. Veja o documento 8, e com base nele, responda:

- a) Que tipo de documento é esse?
- b) Quem é o autor?
- c) Quando foi escrito?
- d) É possível estabelecer uma relação entre os dados apresentados?
- e) Quem é o Primo-Preto? Por que ele se considera um sobrevivente?
- f) Da data de lançamento para a atualidade, esses dados mudaram? Como isso pode ser observado no documento 1?

15. Sobre o documento 9, responda:

- a) Qual o tipo de fonte? Quem é o autor dela?
- b) Quais grupos são mencionados no texto?
- c) Quais espaços são mencionados no texto?
- d) O que o texto denuncia?

16. O documento 10 trata-se de uma música do grupo Facção Central cantada por Eduardo Taddeo. Por qual motivo o eu-lírico deseja se vingar?

PROPOSTA DIDÁTICA

16. O documento 10 trata-se de uma música do grupo Facção Central cantada por Eduardo Taddeo, por qual motivo o eu-lírico deseja se vingar?
17. Qual a relação de Auschwitz da Segunda Guerra Mundial com São Paulo no período retratado pelo autor? Quais suas semelhanças? E quais suas diferenças?
18. Tomando como base o gráfico do documento 1 e a data de lançamento dessa música do Facção Central, o que podemos aferir? Quais ponderações e/contraposições entre as fontes podemos fazer?
19. Sobre o documento 11, responda:
- Qual o tipo de fonte?
 - Quando o texto foi publicado? Onde o texto foi publicado?
 - Em linhas gerais, do que se trata o texto?
 - Qual a principal fonte de informação dos dados mencionados no texto?
 - Segundo o texto, quais são as cidades com maior número de mortes por operações policiais?
20. Segundo o sociólogo Paulo Baía, o que explica negros morrerem mais que brancos nessas situações?
- Existem outras razões que podem explicar a maior incidência de casos dentre a população negra? Quais?
21. Sobre o documento 12 A, responda:
- Qual trocadilho ele realiza?
 - A quem a palavra “fardas” se refere? Por que ela está destacada em vermelho?
 - Quais relações podemos estabelecer entre ele e os documentos 6A e 6B?

PROPOSTA DIDÁTICA

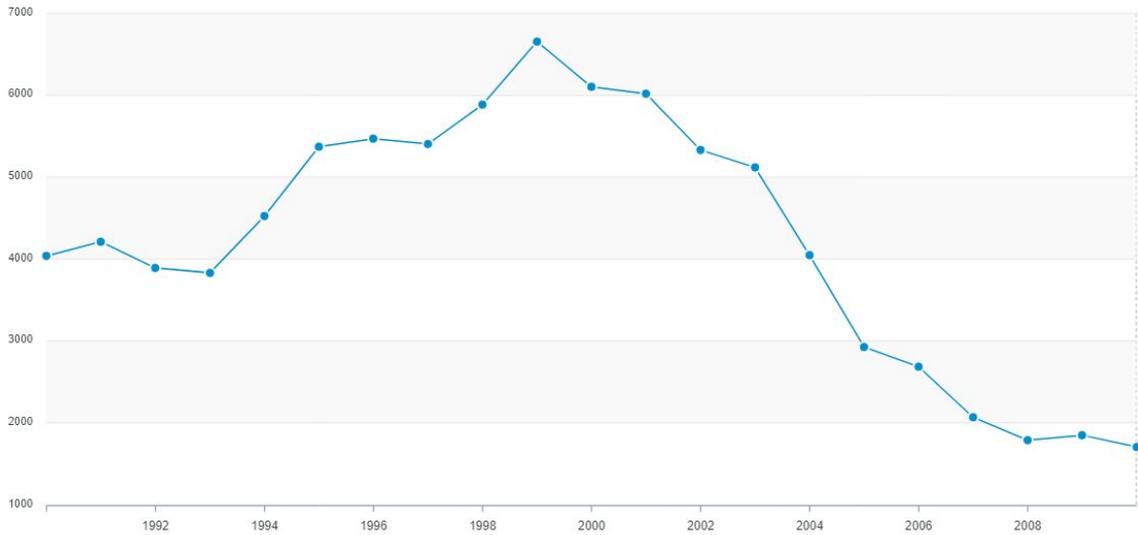
22. Sobre o documento 12 B, responda:

- a) Como o personagem em destaque está representado? Qual sentimento ele expõe?
- b) Quais relações podemos estabelecer entre ele e o documento 8?

23. Quais relações podemos estabelecer entre os dois grafites?

DOCUMENTO 1

Gráfico do número total de homicídios na cidade de São Paulo de 1990 a 2010.



IPEA. Gráfico do número total de homicídios na cidade de São Paulo de 1990 a 2010. Disponível em: <https://ipea.gov.br/atlasviolencia/>. Acesso em: 28/06/2022.

Classificados

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO DE MESQUITA NETO
Diretor
Responsável

Julio Mesquita (1891-1927) Julio de Mesquita Filho (1927-1969) Francisco Mesquita (1927-1969)

SP, RJ, MG, PR e SC ANO 113 DOMINGO, 4 DE OUTUBRO DE 1992 Nº 36.145

C/5 4.000,00

Massacre deixa 111 presos mortos

Fleury tenta justificar ação dos policiais e OAB forma comissão para acompanhar as investigações

A rebelião de sexta-feira no Pavilhão 9 da Casa de Detenção de São Paulo causou pelo menos 111 mortes. Testemunhas viram pilhas de corpos nos corredores do prédio de quatro andares. O secretário da Segurança, Pedro Franco de Campos, informou que foram feridos 32 policiais e 130 detentos. Os policiais dizem que foram recebidos à bala ao tentar conter uma briga entre grupos de presos. Responderam com rajadas de metralhadora, no escuro, com a eletricidade cortada. O governador Luiz Antônio Fleury Filho defendeu os policiais. "Era um confronto de quadrilhas muito bem armadas", disse. Candidatos à Prefeitura criticaram o governo estadual. A OAB formou comissão para acompanhar a investigação. **Cidades 1 e 2**



À espera
Parentes na porta da Casa de Detenção: pilhas de corpos

Massacre deixa 111 presos mortos. São Paulo: Jornal O Estado de São Paulo, 04 de outubro de 1992,

Glossário:

OAB: Ordem dos Advogados do Brasil.

DOCUMENTO 3

Diário de um detento

Aqui estou mais um dia

Sob o olhar sanguinário do vigia

Você não sabe como é caminhar

Com a cabeça na mira de uma HK

(...)

Amanheceu com sol, dois de outubro

Tudo funcionando, limpeza, jumbo

De madrugada eu senti um calafrio

Não era do vento, não era do frio

(....)

Dois ladrões considerados passaram a discutir

Mas não imaginavam o que estaria por vir

Traficantes, homicidas, estelionatários

Uma maioria de moleque primário

Era a brecha que o sistema queria

Avise o IML, chegou o grande dia

Depende do sim ou não de um só homem

Que prefere ser neutro pelo telefone

Ratatatá, caviar e champanhe

Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe

Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo

Quem mata mais ladrão

Ganha medalha de prêmio

O ser humano é descartável no Brasil

Como modess usado ou bombril

Cadeia, guarda o que o sistema não quis

Esconde o que a novela não diz

DOCUMENTO 3

(...)

Cadáveres no poço, no pátio interno

Adolf Hitler sorri no inferno

O Robocop do governo é frio

Não sente pena, só ódio, e ri como a hiena

Ratatatá, Fleury e sua gangue

Vão nadar numa piscina de sangue

Mas quem vai acreditar no meu depoimento?

Dia três de outubro, diário de um detento

JOCENIR, MANO BROWN. Diário de um detento. In: RACIONAIS MC'S. Sobrevivendo no inferno. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. Faixa 7. Disponível em: <<https://youtu.be/dGFxdmuDA4A>>. Acesso em: 06/07/2022.

Glossário:

HK: arma, metralhadora.

IML: sigla do Instituto Médico Legal, responsável pelas necropsias e laudos de cadáveres. Em São Paulo, é um órgão público subordinado à Secretaria de Segurança Pública.

Modess: marca de absorvente feminino.

Primário: que não tem antecedentes criminais.

Robocop: soldado da polícia.

DOCUMENTO 4



Guarda vigia detentos jogando futebol no Carandiru em 29/06/1970. Acervo: Estadão.

DOCUMENTO 5

“Antes de eu ser preso, eu era o André. Eu era o André que estudava, que trabalhava, eu tinha a minha família. A partir do momento em que eu fui preso, eu me tornei quem? Não o André, mas o bandido. Aquele suposto bandido que matou, aquele suposto bandido que roubou. E eu não tive direito de defesa. Por quê? Por eu ser pobre, preto e morar na periferia. Não tinha advogado, não tinha dinheiro. Está na Constituição: o réu primário tem que responder em liberdade ou cumprir um terço da pena. Se eu tivesse meios de me defender, eu não teria ficado dez anos na prisão. Como há milhares de companheiros que, com a pena vencida, continuam presos. O processo é lento. A justiça é lenta. Pra quem? Pro pobre.”

Fonte: André du Rap; Bruno Zeni. **Sobrevivente André du Rap**: (do massacre do Carandiru). São Paulo: Hedra. 2002. pp. 106-107.

DOCUMENTOS 6 (A, B e C)

A.

“Depois da primeira barricada, ganhamos a escada, saímos no primeiro andar [do pavilhão 9], o capitão Ronaldo para a direita e eu pela esquerda. Depois da primeira barreira do portão, [os presos] jogaram todo o tipo de objeto que tivessem na mão. Aquele barulho não era de uma tábua batendo na outra. Era tiro. Eu atirei três vezes. Nossa missão era entrar e tornar aquele ambiente seguro. Cumprimos nosso dever, saímos e não entramos mais depois disso.”

Depoimento de Aécio Dornelas Santos (capitão da PM no momento do Massacre do Carandiru) no julgamento ocorrido no Fórum da Barra Funda, em São Paulo, em 2013.

B.

“A gente resistiu à entrada do Choque. Antes da polícia chegar, o diretor [do presídio] foi até lá pedir para parar, e a gente concordou. Mas o Choque veio e houve uma reação. Ninguém esperava que viria esse tanto de gente. E eles vieram querendo matar. O Choque foi quem menos matou, se for comparado pela estatística. Porque eles já sabiam. Eles iam, batiam, voltavam. Para pegar raiva. O que matou mais foi PM inexperiente, foi falta de comando, porque não tinha oficial na operação. (...) Eles mataram sem critério. Entraram atirando, abriram as boquetas das portas e iam atirando nas celas. Nas celas que já estavam abertas, eles atiravam nos presos. Até os irmãos, os crentes, foram mortos, que não tinham nada a ver com nada, eles não participavam dos conflitos.”

Depoimento de Edivaldo Godoy (detento que cumpria prisão no Pavilhão 9 do Carandiru) dado aos jornalistas Marcos Sérgio Silva e Flávio Costa do Portal UOL na matéria “Três visões do Carandiru” realizada em 2017 por conta dos 25 anos do Massacre.

C.

Temos que permanecer unidos e organizados para evitarmos que ocorra novamente um massacre, semelhante ou pior ao ocorrido na Casa de Detenção em 02 de outubro de 1992, onde 111 presos, (sic) foram covardemente assassinados, massacre este que jamais será esquecido na consciência da sociedade brasileira. Porque nós do Comando vamos sacudir o Sistema e fazer essas autoridades mudarem a prática carcerária, desumana, cheia de injustiça, opressão, torturas, massacres nas prisões.

13º art. do Estatuto do Primeiro Comando da Capital de 1997.

DOCUMENTO 7

“Estado é covarde”, diz Maluf

O prefeito Paulo Maluf disse ontem que "não existe hoje cidade no mundo tão perigosa como São Paulo". A afirmação foi feita em entrevista, por telefone, à rádio Gaúcha, de Porto Alegre (RS). Maluf disse que existe "absoluta covardia e deserção do governo do Estado e da Secretaria da Segurança Pública" em relação à violência. Ele criticou o que chama de "falsa política" de direitos humanos. "Ela dá direitos humanos para os bandidos, que podem comer carne todo dia e tomar banho de sol na penitenciária. Enquanto isso, a população está sendo assassinada." (...) Durante a inauguração de uma praça na Aclimação, zona sul, o prefeito voltou a fazer críticas ao Estado. "Hoje, quando um PM mata um bandido, ele é recolhido e tem que fazer um treinamento que prega o seguinte: 'como soldado eu posso ser morto, mas não posso matar'. Isso é uma inversão de valores." Segundo Maluf, as estatísticas sobre a violência divulgadas pela Secretaria da Segurança Pública são "absolutamente inverídicas". "Posso garantir que ocorrem quatro ou cinco vezes mais assaltos do que o divulgado. Na periferia ninguém dá queixa quando é assaltado", afirmou. Segundo o prefeito, "a cidade está entregue aos bandidos". "Durante o rodízio verificamos que a Polícia Militar existe. Só que hoje a PM é como um automóvel de boa qualidade que, propositalmente, está com os pneus furados. É só encher os pneus e deixar rodar."

Matéria veiculada na seção Cotidiano da Folha de S. Paulo em 16 de agosto de 1996.

DOCUMENTO 8

Capítulo 4, versículo 3

60% dos jovens de periferia

Sem antecedentes criminais já sofreram violência policial

A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras

Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros

A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo

Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente

Mano Brown. Capítulo 4, versículo 3. In: RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. Faixa 3.

DOCUMENTO 9

Polícia sem controle

Ex-secretários da Segurança Pública de São Paulo afirmam que sempre tiveram dificuldades em comandar a PM e que a corporação é incontrolável. Entre os entrevistados pela **Folha** estão Odyr Porto, Antônio Cláudio Mariz de Oliveira e o próprio ex-governador Fleury, secretário da Segurança no governo Quéricia. Todos civis, eles contaram as limitações que enfrentaram quando tiveram a PM sob seu comando.

O advogado Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, que ocupou o cargo de março de 90 a março de 91, diz que “era impossível controlar de verdade as ações da PM. (...) A PM é uma instituição ‘incomandável’ e impermeável”, disse. “O governador e o secretário não comandam a instituição. Não é um problema do Covas ou do José Afonso. Foi assim comigo. Foi assim antes ou depois de mim e será assim se as coisas não mudarem.” Para ele, a PM tem um “espírito de casta”, organizado e voltado para si mesma. “É um ‘Estado’ dentro do Estado”, declarou.

[...] Ambos defenderam a unificação das polícias Civil e Militar como forma de “mudar a mentalidade” e “a ação da corporação”. Eles disseram que a PM tem de abandonar a mentalidade de que seus membros estão numa guerra urbana.

PIVETTA, Marcos. **Polícia sem controle**. Folha de São Paulo. São Paulo, 7 de Abril de 1997. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff070407.htm>>.

DOCUMENTO 10

São Paulo - Aushwitz versão brasileira

(...)

Queria ser terrorista com o apetite do Bin Laden

Pra jogar no congresso seis aviões da Varig

E me vingar pelas crianças sem escola em São Paulo

(...)

Pra Sp Auschwitz

Nem blindagem sexto nível

Em baixo da chuva de tiro, testemunha do genocídio

Aqui é facção, direto do campo de extermínio

TADDEO, Eduardo. São Paulo - Aushwitz versão brasileira. In: FACÇÃO CENTRAL. Direto do Campo de Extermínio. São Paulo: Sky Blue, 2003. Faixa 4.

Glossário

Auschwitz: campo de concentração polonês no qual minorias perseguidas na Alemanha Nazista foram mantidos até 1945.

Genocídio: extermínio, parcial ou total, de uma comunidade, grupo étnico, racial ou religioso.

Varig: empresa de viação brasileira que faliu nos anos 90.

DOCUMENTO 11

Mortes de negros em ações policiais no Brasil são 2,8 vezes maiores que de brancos

“Dados do Fórum Brasileiro de Segurança mostram que, dos 6.416 brasileiros mortos por intervenção policial em 2020, 78,9% eram negros. A taxa de letalidade em operações policiais é 2,8 vezes maior entre negros do que entre brancos. Pretos e pardos representam 4,2 vítimas a cada 100 mil habitantes, já entre os brancos, esse número é de 1,5 a cada 100 mil. Pessoas negras são as principais vítimas dessas ações em pelo menos 36 das 50 cidades com mais ocorrências de operações policiais no país. A cidade do Rio de Janeiro é a primeira no ranking, em números absolutos. De acordo com o levantamento, 415 pessoas morreram por intervenção policial na capital fluminense no ano passado. Destas, 82,2% eram pretas ou pardas. São Paulo vem em segundo lugar, com 390 mortes, sendo 65,4% de negros. E em terceiro aparece Salvador, com 381 mortes, com pretos e pardos representando 77,8% do total [...].”

Matéria de Elis Barreto para a CNN Brasil, veiculada em 24 de novembro de 2021. 24/11/2021.

Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mortes-negros-acoes-policiais-brasil-vezes-maiores-brancos/>>

Acesso em 13/06/2022.

DOCUMENTOS 12 (A e B)

A.



PENEDO, Ana Leticia, 2019, “Não acredite em contos de fardas”. Grafite. São Paulo.

B.



DEQUETE, 2018, “Então, não existe racismo no Brasil?”. Grafite. São Paulo.